



**II SEMINÁRIO NACIONAL DE TEORIA MARXISTA:  
O CAPITALISMO E SUAS CRISES**  
UBERLÂNDIA, 10 A 12 DE MAIO DE 2016

---

**O Materialismo Histórico e Dialético Como Possibilidade Metodológica no Ensino de História na EJA**

Custódio Jovêncio BARBOSA FILHO <sup>1</sup>  
Maria Aparecida Coelho de OLIVEIRA <sup>2</sup>

**RESUMO**

Este trabalho buscou, a partir de algumas experiências teórico-práticas, analisar as reais contribuições que o materialismo histórico e dialético tem proporcionado enquanto metodologia de ensino de História na Educação de Jovens e Adultos. Nos caminhos percorridos na elaboração desta pesquisa utilizou-se como aporte teórico-metodológico a pesquisa-ação e um estudo bibliográfico enquanto categoria de produção e análise dos dados. O resultado alcançado neste estudo foi de que diante da possibilidade de se trabalhar com mais autonomia por parte dos educadores de EJA, o materialismo histórico e dialético contribui de maneira efetiva no processo de ensino de História nesta modalidade educacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Materialismo Histórico; Materialismo Dialético; Ensino de História; EJA.

**Introdução**

Temos sido provocados constantemente a repensar nossas condições de docente tanto pelas alunas no Curso de Pedagogia Licenciatura na Escola Superior Aberta do Brasil - ESAB, quanto nas turmas de Educação de Jovens e Adultos nos sistemas formais de ensino.

---

1 Professor de Metodologia do Ensino de História e Geografia e de Educação de Jovens e Adultos no Curso de Pedagogia, Licenciatura na Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB) e doutorando em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: [custfilho75@gmail.com](mailto:custfilho75@gmail.com).

2 Graduada em Pedagogia, Licenciatura na Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB), [pedagogamaria14@gmail.com](mailto:pedagogamaria14@gmail.com).

É neste sentido, que a escrita desse estudo se propôs em debater parte desta experiência, de atuar na formação de professores enquanto docente da disciplina de Educação de Jovens e Adultos e outra sobre a Metodologia do Ensino de História, Geografia e Valores Culturais e em uma sala de EJA na rede Estadual de Educação no estado do Espírito Santo.

Buscamos fazer um percurso de escrita para responder a questão problema que deteve em analisar quais são as possibilidades metodológicas que o materialismo histórico e dialético podem proporcionar no processo de ensino de História na Educação de Jovens e Adultos?

Para tal, abordamos algumas experiências teórico-práticas no ensino de História na EJA, buscando demonstrar como o materialismo histórico e dialético tem contribuído no processo formativo dos sujeitos dessa modalidade. Após este item destacamos alguns aspectos do materialismo histórico e do materialismo dialético e algumas reflexões conclusivas.

Para dar conta deste estudo utilizamos como aporte teórico metodológico a pesquisa-ação e um estudo bibliográfico dos autores que foram debatidos nas disciplinas que ministrava nas aulas de Metodologia do Ensino de História e Geografia e de EJA na Escola Superior Aberta do Brasil.

Das relações conclusivas destacamos que diante da possibilidade dos educadores de EJA trabalhar com mais autonomia, em que fazem emergir as experiências dos sujeitos desta modalidade, compreendemos o quanto o materialismo histórico e dialético contribui de maneira efetiva no processo do ensino de História nesta modalidade educacional.

### **Experiências teórico-práticas no ensino de história na EJA**

A produção de relações teórico-práticas dos educadores da educação básica aponta para as diversas dimensões formativas em que, os sujeitos tendem a se expressar e se espelhar na prática pedagógica, a partir das experiências vivenciadas na formação inicial e/ou nas experiências quando ainda eram estudantes na educação básica, o que é denominado por Penteado (2011) como o aluno-mestre.

Partindo de algumas experiências em sala de aula no Curso de Pedagogia, Licenciatura nas disciplinas de “História, Geografia e Valores Culturais: metodologia e Educação de Jovens e Adultos”, e em uma turma de Educação de Jovens e Adultos da 1ª Etapa do

Ensino Médio, localizada no município de Vila Velha na Região da Grande Vitória no estado de Espírito Santos, nos anos de (2013-2014) pudemos perceber alguns fatores que nos levam a compreender como o materialismo histórico e dialético contribuem como possibilidades metodológicas no ensino de História na EJA, principalmente, no que tange as relações destacadas pela Heloisa Penteado (2011, p. 27) em entender ser a História no âmbito das Ciências Humanas uma das

[...] responsáveis pela preparação de um cidadão crítico, dotado de uma consciência social provida de objetividade suficiente, que lhe possibilite:

- perceber a sociedade em que vive como uma construção humana, que se reconstrói constantemente ao longo das gerações, o que envolve necessariamente avanços ou melhorias: essa reconstrução pode ser reprodutora ou transformadora, realizando-se em um fluxo constante, dotado de historicidade, que orienta os processos aí desenvolvidos;
- perceber a si próprio como um agente social que fatalmente intervém na sociedade, seja compactuando com ela, seja transformando-a;
- perceber o sentido dos processos que orientam o constante fluxo social, bem como o sentido de sua intervenção nesse processo.

Estas percepções ao fazer parte da formação mais ampliada, municiarão os sujeitos a terem condições de serem autores e atores de suas histórias de vida e das histórias de vida dos que transitam a sua volta, no sentido de contribuir de maneira efetiva, nas mudanças das condições, sócio-histórico-cultural tendo o processo de autonomia como foco norteador destas ações.

Compreender como tem funcionado o processo de autonomia na formação requer um entendimento ampliado desse processo. Sendo assim, buscamos a partir das leituras feitas sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais o conceito de autonomia, que passa a ser “tomado ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas”. (PCN, 1997, p. 61). Neste sentido, continua a descrição do PCN,

O desenvolvimento da autonomia depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais. No início da escolaridade, a intervenção do professor é mais intensa na definição desses suportes: tempo e forma de realização das atividades, organização dos grupos, materiais a serem utilizados, resolução de conflitos, cuidados físicos, estabelecimentos de etapas para a realização das atividades. Também é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo-cooperativo. O individual é potencializado pelas exigências feitas aos alunos para se responsabilizarem por suas ações, suas ideias, suas tarefas, pela organização pessoal e coletiva, pelo envolvimento com o objeto de estudo. O trabalho em grupo, ao valorizar a interação como instrumento de desenvolvimento pessoal, exige que os alunos considerem diferenças individuais, tragam contribuições, respeitem as regras estabelecidas, proponham outras, atitudes que propiciam o desenvolvimento da autonomia na dimensão grupal. (PCN, 1997, p. 62)

Estas relações entre o processo formativo dos sujeitos e suas aproximações com a autonomia, propicia um espaço em que a disciplina de História pode fazer intervenções diretamente neste processo, a partir de discussões de temas debatidos no interior desta disciplina tanto no espaço acadêmico, quanto em espaços formativos da educação básica. Podem ainda elencar uma dinâmica de formação para além das questões técnicas do aprendizado, mas destacar no momento do processo de ensino-aprendizagem um espaço profícuo, no que tange, ao princípio formativo dos sujeitos, principalmente sobre as dimensões do trabalho e da cultura.

Neste sentido, as disciplinas de História, Geografia em interface com os Valores Culturais e Educação de Jovens e Adultos, podem contribuir para tratar de temáticas que elevem os sujeitos a condições de seres emancipados, terminologia esta proposta por Rancière (2002), em que os sujeitos saem de meros coadjuvantes dos seus processos formativos e se inserem como protagonistas na produção de temas que outrora eram apenas para dar conta do currículo prescrito<sup>3</sup> nos planos de curso da disciplina de História nas turmas de EJA.

Thompson (2002) destaca também que havia no momento da formação da classe operária inglesa uma consciência autodidata que conformava a consciência política dos trabalhadores. As reuniões públicas e os debates políticos cresciam, e isso se dava mesmo entre os que eram analfabetos. “Apesar dessas dificuldades, foi a partir de sua própria experiência que os trabalhadores formaram”, segundo o autor, — um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade e que — de 1830 em diante, “veio a amadurecer uma consciência de classe, no sentido marxista tradicional, mais claramente definida, com a qual os trabalhadores estavam cientes de prosseguir por conta própria em lutas antigas e novas”. (THOMPSON, 2002, p.304).

No que diz respeito aos suportes apontados no PCN (1997) é importante que estes elevem o sujeito ao processo de desenvolvimento da sua autonomia material, intelectual e emocional. Quando se trata dos sujeitos da EJA estes suportes podem contribuir de maneira muito mais intensa, no que tange, a processos de centralidade no ato de ensinar e de aprender. Pois de acordo com Martuccelli (2007) o suporte é uma das dimensões que compõe a gramática do indivíduo e que ela é a responsável por permitir a este indivíduo condições mais favoráveis de formação.

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre o debate de currículo prescrito e currículo real, ler LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5ª ed. Goiânia: Editora Alternativa. E SACRISTÁN, J. G. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

No caminho, ainda que curto, mas intenso, vivenciei a experiência de atuar como educador da disciplina de História em uma turma de Educação de Jovens e Adultos na 1ª etapa do Ensino Médio na Rede Estadual de Ensino no Município de Vila Velha no estado do Espírito Santo. Esta experiência me permitiu aproximar as discussões teóricas feitas no interior das disciplinas de “História, Geografia e Valores Culturais e Educação de Jovens e Adultos”. Disciplinas estas que ministrava na Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB). As aulas destas duas disciplinas me permitiam fazer as devidas aproximações com as aulas que ministrava na turma de EJA na rede pública de ensino. Dentre os principais pontos de interseção o que mais me chamava à atenção neste percurso era “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2008, p. 52)

Ao transitar pelas diversas possibilidades de atuar, não simplesmente, como um docente de ensino superior, mas de experimentar na prática as discussões que fazíamos no interior das disciplinas na faculdade, pude perceber que estava transitando em dois espaços completamente diferentes no que tange as relações entre as teorias debatidas na academia e a minha prática pedagógica na turma de EJA da 1ª Etapa do Ensino Médio.

Nas salas de aula da Faculdade tínhamos a oportunidade de fazer as leituras de Freire (2008), Godatti (2007), Penteado (2010), Rancière (2002), Fávero (2009) que de certa forma nos abria para outras possibilidades de intervenções pedagógicas na EJA principalmente no que se refere a atuação naquele momento como educador da disciplina de História em uma turma desta modalidade de ensino.

Entretanto, na escola do ensino médio da rede estadual, apesar de ter um material que pudesse nos levar a diversas possibilidades, que tangenciassem a emancipação dos sujeitos, ficávamos presos em reproduzir o que havia sido feito durante todos os outros períodos com estes sujeitos que, mesmo diante do embrutecimento causado pelo descaso de muitos professores e, pelo próprio sistema de ensino, estavam sedentos em produzir outras referenciais culturais no processo de interação com o conhecimento historicamente produzido.

Diante do que observávamos nos processos existentes no momento das ações pedagógicas de maneira sistematizada (planejamento das aulas) nos leva a compactuar com a Paiva (2009) ao destacar que no campo da história da educação, o direito e o exercício democrático têm sido permanentes temas em disputa. Especificamente na educação de jovens e adultos (EJA), a história não só registra os movimentos de

negação e de exclusão que atingem esses sujeitos, mas se produz a partir de um direito conspurcado muito antes, durante a infância, esta negada como tempo escolar e como tempo de ser criança a milhões de brasileiros.

Esta situação segundo Fávero (2009, p. 56) acentua ainda mais, pois “A história da educação de jovens e adultos não faz parte dos manuais de história da educação brasileira”. Para Fávero além de ser um campo em disputas a EJA tem sido espaço de reprodução das mazelas que o próprio país produziu a estes sujeitos. Pois como situou Freire no II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Brasil, não era o analfabetismo que fazia o país ser pobre, mas é a pobreza que gera um país de analfabetos. (FAVERO, 2009)

A importância do passado está muito mais para pensar a formação dos sujeitos do ponto de vista do seu entrelaçamento com o processo da experiência que estes sujeitos passam. Sendo assim, no percurso feito tanto na faculdade, quanto na turma de EJA, buscamos aproximar, no que foi possível, estes dois espaços formativos, demonstrando como um depende do outro para que ocorra a formação de sujeitos emancipados. Exploraremos um pouco mais esta aproximação no último item deste estudo.

### **Aspectos metodológicos do materialismo histórico**

Nos caminhos percorridos e reelaborados para pensar as diversas possibilidades de se utilizar uma metodologia de aproximações com as discussões advindas do materialismo histórico, é que podemos elencar alguns aspectos metodológicos, quanto a este que tem sido, importante base teórico-metodológica, mesmo diante de nosso curto percurso formativo, compreender, de acordo com Paulo Neto (2011), que há diferenciações entre o materialismo histórico e o materialismo dialético.

Ao elencar alguns elementos das obras e vida de Marx, Leandro Konder (2015, p.86) destaca que “de acordo com o materialismo histórico, é impossível ter uma compreensão científica das grandes mudanças sociais sem ir à raiz dessas mudanças, quer dizer, sem chegar às causas econômicas que, em última instância, as determinam”.

Já os aspectos da dialética perpassam a ideia de compreender que a partir de Hegel havia uma disposição na indicação do método dialético no sentido de que “os seres e as coisas existem em permanente mudança, entrosados uns com os outros, e que só é possível compreendê-los se desde o início forem devidamente consideradas as suas ligações recíprocas”. (KONDER, 2015, p. 48).

Marx irá tomar este pensamento de Hegel para aprofundar o debate e utilizar com outros propósitos a dialética hegeliana influenciando sobre ela outros elementos que considerava ser mais prático e menos contemplativo, pois para Marx as contradições situadas por Hegel se apresenta de maneira clara e objetiva na produção da vida em uma sociedade que tem como parâmetro a lógica capitalista burguesa, entretanto, não se consegue em Hegel compreender como de fato a sociedade se organiza. Nesse sentido, é que Marx irá fazer duras críticas as suas produções em especial a obra “Princípios da Filosofia do Direito”<sup>4</sup>. (MARX, 2013)

A partir dos novos elementos que foram emergindo nestes debates Marx (2009, p 65) irá destacar que “é possível efetuar a libertação real no mundo real e através de meios reais”, esta ênfase nos escritos marxianos sobre o que é o real, aproxima da metodologia do real, em que o materialismo histórico e dialético se situa, pois no processo de buscar a liberdade, os homens somente conseguirão quando tiverem condições de obter alimentação, bebida, habitação e vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas. Marx (p. 65) contribui ainda com esta discussão ao dizer que “A “libertação” é um ato histórico e não um ato de pensamento, e é efetivada por condições históricas, pela situação da indústria, do comércio, da agricultura[...] quesitos necessários para a manutenção da existência humana”. Diante disso, foi o que pudemos no tempo propício tentar sair das condições de repetições feitas no processo de formação destes sujeitos para buscar a partir dos elementos do materialismo histórico uma discussão em que os sujeitos da EJA se vissem como protagonista dos processos que o mesmo estava vivenciando em uma sala de aula.

Este fato nos levou a pensar no percurso descrito por Thompson (2011) no processo de formação da classe operária inglesa que a partir das experiências práticas do trabalho nas indústrias inglesas conseguiram se perceber enquanto sujeitos históricos e possíveis protagonistas de movimentos que poderiam mudar a dinâmica do seu trabalho e consequentemente de suas condições na vida social.

O processo do trabalho na Educação de Jovens e Adultos tem um significado mais amplo, pois para além do ato do trabalho e das relações de trabalho, no desenvolvimento das funções que executam no trabalho, faz com que os sujeitos desta modalidade deem outros sentidos a estas relações. Mas, para que isso ocorra diz Marx é necessário que os trabalhadores tomem consciência de sua força individual e coletiva.

---

<sup>4</sup> Para compreender melhor este debate ler, MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.

Este é um dos principais destaques que Marx e Engels fazem no “Manifesto Comunista” ao chamar a classe dos operários para um embate não puramente conflitivo no sentido da guerra contra a burguesia, mas no sentido de se unir em prol de uma causa maior que seria a distribuição mais igualitária das riquezas produzidas. “Proletários de todos os países, uni-vos”! (MARX; ENGELS, 2008, p. 66)

Neste sentido, que tratar dos aspectos metodológicos do materialismo histórico nos acomete de condições reais para situá-lo como uma metodologia importante no processo do Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

### **Aspectos metodológicos do materialismo dialético**

Com ênfase na perspectiva dos estudos de Marx, a partir do materialismo histórico e dialético, em que os sujeitos saem de meros coadjuvantes da história e passam a fazer parte, enquanto protagonistas, dos processos históricos e culturais modificando sua condição nos cenários que se apresentam ao seu redor, por meio de uma conscientização. Foucault nos chama a atenção ao destacar que

[...] a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, na que permite e na que impede as linhas que estão marcadas pela distância, pela oposição e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 2000, p. 43-44).

Esta abordagem feita por Foucault remete ao que temos tratado no decorrer deste texto estudo enfatizando as lutas que os sujeitos, em especial, das classes populares têm feito em prol de uma condição verdadeiramente autônoma no sentido do seu processo de formação humana não aceitando as meta-narrativas como perspectivas de produção individual e social. Para Marx (2009, p. 24), há como

[...] distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião – por tudo que quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir os seus meios de subsistência, passo esse é requerido pela sua organização corpórea. Ao produzirem os seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material.

Nesse sentido e na tentativa de evitar alguns equívocos interpretativos, tratamos aqui à abordagem do materialismo dialético enquanto perspectiva de contribuir em que seus aspectos metodológicos podem proporcionar de maneira positiva para materializar a compreensão de um determinado processo formativo dos sujeitos da EJA na relação



com o ensino de história. Neste sentido, Ciavatta (2009, p. 73) destaca que para a dialética “[...] a questão da aparência do fenômeno e de sua essência é uma das exigências do modo de pensar dialético, da ruptura com a forma habitual de pensar, que é a forma como vemos os objetos. É o reconhecimento de que a realidade não se dá a conhecer de modo imediato [...]”.

Compactuamos neste contexto com Ciavatta (2009), pois nem tudo que é aparente revela sua essência, pois a partir das contradições existentes nos campos em disputas ampliam as possibilidades que a relação da dialética pode produzir principalmente, no que tange processos formativos para os sujeitos da EJA.

Na observância dos aspectos do materialismo dialético, destacam-se elementos que nos permitem compreender que o homem pode ser o criador da sua história, a partir de sua interação com as realidades do seu cotidiano. De forma consciente ele muda hábitos no intuito de atender suas necessidades, tanto pessoal quanto sociais, na busca por melhores condições de vida.

### **Contribuições do materialismo histórico e dialético no ensino de história na EJA: algumas análises conclusivas**

Este estudo nos provocou ainda a buscar a partir da concepção do materialismo histórico e dialético, em que para Marx está se volta para o processo de compreensão do conhecimento por meio de uma visão histórica, considerando as mudanças que o tempo histórico proporciona numa perspectiva dialética em que nada é permanente tudo está em constantes transformações, tanto no âmbito dos indivíduos quanto no âmbito da sociedade. É neste sentido que tomamos o materialismo histórico e dialético como possibilidade metodológica no ensino de História na Educação de Jovens e Adultos. Para tanto há de se destaca que na proposta curricular para a modalidade de EJA sobre o ensino de História situa-se que

O professor precisa levar em conta a especificidade dos alunos da EJA, seu perfil socioeconômico, cognitivo e afetivo. Jovens e adultos têm vivências particulares, pois muitos deles estão vinculados ao mundo do trabalho ou buscam nele uma colocação. Já têm idéias e percepções sobre o mundo atual, e possuem uma bagagem sociocultural significativa. Essa vivência maior, porém, pode revelar idéias mais arraigadas, ou seja, menor disponibilidade para questionar concepções, valores e informações já interiorizadas. Cabe ao professor de História, ciente dessa especificidade, promover um intenso diálogo com seus alunos, mostrando-se aberto para receber novas informações e reformular idéias, quando disso for convencido, favorecendo a possibilidade de crescimento para todos os envolvidos no processo de educação escolar. Agindo assim, o professor assumirá a postura de incentivador de uma prática de educação permanente, abandonando a atitude

de “transmissor das verdades históricas”, ainda fortemente presente nas escolas brasileiras. (MEC 2001, p. 110)<sup>5</sup>

Enquanto orientação, que emerge da proposta curricular para ensino de História na EJA, o professor desta disciplina neste processo do ensino pode utilizar recursos didáticos, aula mais reflexivas do que instrutivas provocando os sujeitos a se envolverem nos debates o que poderia contribuir de forma significativa no processo de tomada de consciência.

Freire (2008) nos chama a atenção sobre este processo destacando que é preciso reconhecer a educação como um ato político e ideológico e que o educador deve se colocar sempre aberto a todas as possibilidades para que seus educandos tenham condições que escolha do caminho que querem percorrer. Neste sentido, entendemos que a escola traz consigo uma grande potencialidade para fomentar o debate de ideias divergentes, de discutir as relações da sociedade e perceber se queremos ou não a reprodução da mesma. É neste sentido que este estudo buscou tratar, em que os envolvidos no processo de educação em especial na disciplina de história compreendam de forma consciente qual o cidadão gostaria de formar, sujeitos passivos com a atual realidade ou sujeitos que buscarão mudanças.

Se desta discussão entendemos que há contribuições, e elas ocorrem, no momento em que o materialismo dialético busca compreender as mudanças do mundo a partir da realidade material ao utiliza-se de critérios de análise da dialética para assim alcançar o conhecimento mais abrangente e detalhado da evolução de uma determinada sociedade. Nesse sentido, a dialética em uma concepção materialista não se limita em analisar e compreender as transformações e mudanças somente na teoria, mas busca compreendê-las a partir da realidade em que elas ocorreram e ainda tem ocorrido.

Com isso, o materialismo dialético, procura, por meio de um método dialético, compreender as transformações sociais que ocorrem na sociedade, sendo este inseparável do materialismo histórico.

Tomando estes dois elementos metodológicos e retomando a discussão iniciada no primeiro item é que podemos, a partir das experiências vivenciadas nos espaços, que até aquele momento eram entendidos como dicotômicos, vislumbrar novas possibilidades de aproximações entre o que se dizia na academia e o que se praticava na sala de aula em uma turma da EJA.

---

<sup>5</sup>[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2\\_historia.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_historia.pdf).

## Considerações finais

Nos limites de escrita que este estudo nos permitiu fazer, os principais destaques que aqui chamamos a atenção estão sobre o percurso formativo vivenciados por meio das experiências, em atuar em dois espaços que, ainda carregam dicotomias acentuadas, no qual de um lado está a formação teórica dos estudantes de Pedagogia Licenciatura e, do outro, a atuação pedagógica em uma turma de EJA na 1ª Etapa do ensino médio, faz emergir um processo intenso, de repensar as estratégias metodológicas para se trabalhar o ensino de História.

No movimento de repensar as estratégias metodológicas, inserir o materialismo histórico e o materialismo dialético como possibilidade de ensino de História na modalidade de EJA foi um dos principais processos, pois além de aproximar os sujeitos de suas realidades cotidianas da vida real, faz emergir as contradições existentes nas relações entre os sujeitos e o meio em que vive, enfatizando os problemas materiais e possibilidades de intervenção sobre estes problemas.

Diante disso, os sujeitos poderiam se reconhecer como também produtores de histórias de vida e, possibilidades de, no ato desse reconhecimento poder agir no intuito de transformar o espaço em que vivem de acordo com os projetos individuais e coletivos em questão.

## Referências

- CIAVATTA, Maria. **Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-60)** – Rio de Janeiro: Lamparina, CNPq, Faperj, 2009.
- FÁVERO, Osmar; RIVERO, José. **Educação de jovens e adultos na América Latina: direito e desafios de todos**. São Paulo: Moderna, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Miguel Serra Pereira. Lisboa: Almedina, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 3ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. – 1ª ed. – Buenos Aires: Losada, 2007.
- PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2009.
- PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PENTEADO, Heloisa Dupas. **Metodologia do ensino de história e geografia**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.